

PLATÃO E A FORMAÇÃO DO REI-FILÓSOFO

João Batista S. Oliveira*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a proposta educativa de Platão. O texto está estruturado da seguinte maneira: após uma breve introdução e contexto do tema, esboçamos o conceito de filosofia como a ciência da verdade para Platão; na sequência, ao explorar o conceito de paidéia, centramos a discussão sobre a formação específica do filósofo e sua responsabilidade como governante *polis*.

Palavras-chave: Paidéia. Formação. Filosofia. Dialética.

1. INTRODUÇÃO

Em meio à intensa vida cultural, política e comercial da cidade de Atenas, surge na Grécia antiga, o que hoje conhecemos por filosofia. Essa nova forma de conhecimento, veio questionar e buscar respostas para as indagações humanas que, até então, eram dadas pelo mito e aceitas pelo senso comum, de maneira acrítica. A filosofia, desde o seu início, procurou oferecer ao homem uma explicação de sua realidade a partir de evidências racionais, logo crítica. 3

Daí surge um questionamento: quem praticava filosofia? É sabido que uma grande parte dos habitantes estavam conformados e muitas vezes certos de que as explicações fornecidas pela mitologia satisfaziam. No entanto, eis que surge a figura do filósofo. Alguém que não se contentava com as respostas que lhes eram dadas, uma pessoa inquieta, agitada, repleta de ideias e ideais, buscando, a cada instante, compreender a si mesmo e, após isso, entender e explicar o mundo no qual estava inserido. O filósofo

* Cursa o último semestre do curso de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (polo de Vitória da Conquista -BA). Uma versão do presente texto foi apresentado, com título e conteúdo um pouco distinto, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a obtenção do grau de Bacharel em filosofia. Contato: joabatistaoliveira.jbso@gmail.com.

foi logo reconhecido como aquele que questionava, de maneira mais intensa, a própria existência: de onde viemos? Para onde vamos?

Do ponto de vista da cidade, tendo em vista um ambiente harmonioso e agradável para se viver, a exigência de uma boa formação é algo desejável. Ao analisarmos o Livro VII d'*A república*, de Platão, centramos na sua proposta pedagógica, visando responder três questionamentos: O que é o filósofo? Qual a formação que o cidadão deve receber para se tornar um amante da sabedoria? Qual a importância da sabedoria para a vida na *polis*?

O objetivo deste trabalho é discutir a formação do homem, como um meio de alcançar a virtude (*areté*), no contexto da formação do filósofo, cujo objetivo é governar a cidade e servir de exemplo para os demais, segundo Platão.

2. AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM

É fato que não somos os primeiros preocupados com a formação do homem, nem com o convívio social equilibrado, que proporciona ao cidadão a alegria de fazer parte de uma coletividade. Os gregos foram, ao menos do que sabemos sobre a origem da formação do Ocidente, os primeiros a fornecer ao cidadão essa instrução. Temos como exemplo Homero, reconhecido como o grande educador do mundo grego. Nos seus escritos épicos aparece, em germe, uma preocupação com a formação ética e espiritual do homem. Esparta também se preocupava em preparar seus cidadãos, com uma educação esmerada. Tendo em vista o preparo militar, ou seja, a arte da guerra, o jovem espartano, aos sete anos de idade, se tornava propriedade do estado. Essa posse, como soe ocorrer, só terminava com sua morte. Assim sendo, devia ser ele o primeiro responsável por sua defesa. 4

Em se tratando de educação grega, os sofistas podem ser considerados os primeiros professores. O objetivo da formação sofística era atender as novas demandas da classe abastada de Atenas, que havia perdido espaço no Estado, no contexto de crise. Sua proposta pedagógica, porém, não tinha nenhuma preocupação com a formação moral do indivíduo e se limitava a ensinar aos jovens técnicas de argumentação e persuasão, para que ele estivesse apto para assumir a administração da *polis* e ter uma brilhante

carreira política¹. Nesse artigo, uma vez que a discussão se concentra na *paideia*² platônica, importa mostrar a relação existente entre a formação moral do homem e a administração da cidade.

Inconformado com a morte de seu mestre (Sócrates), Platão desiste da carreira política e não se limita simplesmente em falar sobre a educação como um caminho possível para restauração da *polis*, mas funda sua escola intitulada Academia, destinada à formação dos jovens atenienses. Escreve diversas obras entre elas, *A república* e *As leis*, nas quais apresenta a sua proposta pedagógica destinada aqueles que devem governar a cidade. É fundamental compreender o cenário de mudanças que ocorreu em Atenas, na época de Platão, para entendermos sua contribuição à educação através da filosofia. O filósofo franco-brasileiro Thomas Ransom Giles nos ajuda nesta compreensão:

A Grécia seria o lugar mais inusitado de onde se poderiam esperar tantas contribuições à civilização. Porém foi dela que o Ocidente recebeu mais elementos do que qualquer outra sociedade da Antiguidade. Terra rude, montanhosa, infértil, de população pouco numerosa. Contudo, os gregos, auxiliados por um clima ameno sobretudo pela proximidade do mar, conseguiram edificar uma civilização cujos reflexos no processo educativo fazem parte indiscutível do patrimônio cultural do Ocidente (GILES, 1987, p. 11).

No entanto, apesar do território grego aparentemente não ser tão fértil para o surgimento de tão nobre ciência, foi justamente essa infertilidade que permitiu o contato com diversos povos e culturas, por meio das transações comerciais. Outro fator que contribuiu para isso foi o estímulo constante para pensar, para debater assuntos referentes à vida na *polis*, que passaram a ser discutidos na *ágora* (praça pública). Essa nova maneira de pensar, não submetia e nem colocava a razão humana a serviço dos deuses, mas

¹ Os termos cidade e polis são intercambiáveis, uma vez que *polis* se caracteriza por ser uma cidade autônoma e soberana, cujo quadro institucional é caracterizado por uma ou várias magistraturas, ou um conselho e por uma assembleia de cidadãos (*polítai*) (cf. TEIXEIRA, 1999, p. 26-27).

² Esse termo, que, nas suas origens e na sua acepção comum, *indica o tipo de formação da criança (pais) mais idôneo a fazê-la crescer e tornar-se homem*, assume pouco a pouco nos filósofos o significado de formação, de *perfeição espiritual*, ou seja, *de formação do homem no seu mais alto valor*. Portanto, podemos dizer que a *paideia*, entendida ao modo grego, é a *formação da perfeição humana* (REALE, 2014, p. 191-192).

revelava que ela era uma propriedade do próprio homem, portanto natural a ele. A situação geográfica-cultural, somada à ‘descoberta’ da razão permitiu que o homem grego se sentisse e se tornasse o principal responsável pelo seu destino e pela cidade em que habitava.

A mesma Grécia, que durante tantos séculos havia se dedicado à construção do pensamento mítico, encarregou-se de demoli-lo, por obra da razão, quando o predomínio desta última - no contexto da nova realidade político-social instituída pela cidade-Estado no período clássico - alterou o caráter das produções culturais e levou a secularização da palavra ou à perda de seu caráter sagrado (RODRIGO, 2014, p. 17).

A centralidade na razão do princípio da ação humana foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento filosófico. A filosofia de Platão, através da vida e do pensamento de Sócrates, defende que este é único e verdadeiro meio que o homem possui para viver virtuosamente. Perguntas como: de onde vim? Para onde vou? Passaram a fazer parte das primeiras indagações filosóficas. Foi neste contexto e com estas exigências que surgiram os primeiros pensadores, os chamados pré-socráticos³. 6

Os observadores do cosmo, com o intuito de responder e explicar a origem das coisas, descobrem a filosofia. A partir dela surge um campo fértil de respostas racionais às perguntas comuns, ligadas ao modo de vida. Com o avanço e aprimoramento da atividade filosófica as perguntas sobre a natureza deixam espaço para a discussão ético-política (com Sócrates) e o homem passa a ser o centro de toda reflexão. Foi neste momento que a educação do homem surge como necessidade. É nesse contexto de ruptura cultural que surge o momento dos professores itinerantes, denominados sofistas.

O movimento sofista revolucionou a educação em Atenas. Um grande número de professores, vindo de outras cidades da Grécia antiga,

³ “Os filósofos da natureza, como Tales de Mileto, Anaxímenes, Anaxágoras, Parmênides, Heráclito e Empédocles, preocupavam-se basicamente com o problema da *physes*. Ou seja, a pergunta filosófica tratava da origem de todas as coisas” (TEIXEIRA, 1999, p. 16).

invadiu Atenas e introduziu, nos programas de estudo, outras ideias (PAVIANI, 2008, p. 43).

É evidente o quanto revolucionário foi a sofística tanto para o desenvolvimento da filosofia, como para o processo educativo do povo grego. Distinta da perspectiva dos pensadores pré-socráticos, os sofistas “[...] transmitiam ensinamentos sobre questões sociais e existenciais, com objetivo de alcançar a *arete*, mediante o pagamento” (PAVIANI, 2008, p. 44). Em meio a essa massa de professores estrangeiros em Atenas, encontramos a atividade educativa de Sócrates. Sócrates acreditava que a prática da justiça e a elaboração de leis justas representavam uma necessidade tanto para o homem quanto para a cidade. Considerava que a filosofia tinha como objetivo levar o homem ao autoconhecimento e, por isso, ele exortava todos ao conhecimento de si, refletindo sobre e a partir da máxima que se encontrava no umbral do templo de Delfos: “*Conhece-te a te mesmo*”.

3. PLATÃO E EXIGÊNCIA DA FORMAÇÃO FILOSÓFICA

7

Influenciado pelos ideais do mestre, insatisfeito com a maneira como era educada a juventude grega e inconformado com as injustiças presentes no Estado, Platão apresenta uma proposta de formação do cidadão, especialmente, a do filósofo: “O que ele deseja é melhorar as leis, aperfeiçoar a legislação e, assim, propor a ordenação de um Estado ideal e uma adequada e verdadeira educação da juventude” (PAVIANI, 2008, p. 21).

No Livro VII d’*A república*, Platão apresenta sua famosa, *Alegoria da caverna*. Na referida alegoria Sócrates, convida Glauco a imaginar a seguinte situação: um grupo de pessoas, que habitava no interior de uma caverna, desde o seu nascimento, viviam ali, acorrentadas, sem conhecer outro lugar que não fosse o seu interior. Tomava como realidade as imagens refletidas na parede e os ecos de suas vozes. Entre os prisioneiros e o lado externo, de onde provinha uma luminosidade artificial, existia um caminho ascendente. Um dos pontos centrais da alegoria é quando Platão descreve a libertação de um dos presos. Ele se livra das correntes e quando chega do lado de fora, sente um desconforto, mas depois percebe que as imagens refletidas

nas paredes da caverna não passavam de ilusão. Do lado de fora ele, longe das amarras que o prendiam à caverna, contempla a realidade.

Metaforicamente, a partir dessa alegoria, podemos afirmar, que a filosofia nos ajuda a pensar sobre os problemas que estão ao nosso redor e a propor as melhores alternativas para resolvê-los. O interessante, é que ao mesmo tempo em que estudamos, analisamos, acabamos produzindo o que desejamos estudar. Nesse sentido, é que o filósofo seria:

[...] aquele que não teme pagar o preço do crescimento. Ele realiza em si aquilo que os gregos denominavam de *metánoia*, mudança radical de vida e de mentalidade. Por isso, o filósofo não teme caminhar pelos caminhos rudes e íngremes que conduzem para fora da caverna. Para ele o que realmente importa é contemplar a verdadeira luz do sol que é o bem (TEXEIRA, 1999, p. 66).

Por mais que o caminho até o conhecimento seja doloroso, árduo, “E no caso de forçarem a olhar para a luz, não sentiria dor nos olhos” (*A república*, VII, 515 e⁴), o filósofo, não desiste dessa busca, pois sabe que o amor pelo saber, se constrói a partir da reflexão sobre os problemas e somente através desta podem ser superados. Por isso, uma outra qualidade do filósofo, é que ele: 8

[...] busca construir em si a perfeita humanidade. A perfeita humanidade do filósofo consiste em seu amor ao belo e em sua paixão pelo conhecimento [...]. O filósofo é descrito, de acordo com seu nome, como aquele que ama o conhecimento ou a sabedoria (TEIXEIRA, 1999, p. 107).

Construindo em si a perfeita humanidade, eis que ele atinge um dos objetivos da *paidéia* platônica, que é o de torná-lo um amante da sabedoria,

⁴ Ao longo do presente texto, como ocorreu até aqui, as referências dos textos citados serão realizadas como exige a ABNT, seguindo o seguinte modelo de citação: *autor, ano, página*. Este modelo de citação, no entanto, não será utilizado quando se tratar de citações das obras de Platão. As citações das obras de Platão seguirão o seguinte modelo: *título do diálogo, livro, referência clássica*. Essa referência clássica, como é sabido, encontra-se na margem das obras de Platão, ao menos naquelas bem editadas.

um amigo da verdade. Uma outra característica do pensamento do filósofo da Academia:

Consiste na valorização do filosofar e não do estudo escolar da filosofia. O filosofar é mais decisivo do que a filosofia. Platão não ensina filosofia, ele procura dialeticamente a verdade. A filosofia é matéria, o filosofar forma, método. O filosofar implica desenvolver argumentos, conduzir processos dialéticos do conhecimento e, ainda, tomar decisões, definir condutas, estabelecer modos de viver, assumir visões de mundo (PAVIANI, 2008, p. 23-24).

O filósofo, na proposta pedagógica de Platão, não é aquele que realiza o estudo da filosofia, mas é aquele que se dedica, de modo mais intenso, a esse exercício, fazendo dela a sua profissão, servindo-se de exemplo para os demais. Contudo, ele mostra que a depreciação da filosofia, foi causada por pessoas que eram incapazes de chegar à sua altura e queriam exercer tal atividade.

O erro do nosso tempo, prossegui, que tanto contribui para o descrédito da Filosofia, a que já me referi, consiste, justamente, os que com ela se ocupam; só seus verdadeiros filhos deveriam cultivá-la, não os bastardos (*A república, VII, 535 c*). 9

Isso mostra que essa atividade é restrita a um número reduzido de pessoas. Não basta simplesmente que se sinta motivado para se ocupar com a arte do pensar filosófico, mas que é preciso apresentar condições necessárias para se ocupar com tão nobre ofício. Platão, também faz distinção entre o seu método dialético e a filosofia que era ensinada pelos professores itinerantes, como afirma Jaime Paviani em sua obra:

Os sofistas, criticados por Platão, usam mal a retórica. Não se preocupam com a verdade, mas com a persuasão psicológica. Ocupam-se com as impressões que as palavras causam nos ouvintes, depois de estabelecerem uma relação falsa ou artificial entre a palavra coisa (PAVIANI, 2008, p. 79).

Para Platão, a filosofia deveria conduzir o homem no caminho da verdade, através de uma vida virtuosa. Os sofistas divergem com Platão, não só no método que utilizavam para formar os jovens atenienses, mas na finalidade da educação disponibilizada para a juventude de seu tempo, pois educava-os somente para convencer o interlocutor que seus argumentos estavam corretos, mesmo que fossem carregados de incoerências. Em oposição aos sofistas e como forma de refutá-los, Platão apresenta a sua *paidéia* cosmopolita dos possíveis efeitos que esta teria na vida do filósofo:

[...] ao contrário, é aquele que relaciona as palavras nos enunciados, que presta atenção à estrutura da proposição, que aponta as múltiplas relações possíveis entre os termos e não apenas a relação entre cada palavra com um único objeto (PAVIANI, 2008, p. 79).

É nítida a diferença entre os processos educativos. Essa oposição fica ainda maior quando observamos o homem formado no final do processo. Pois, enquanto para os sofistas a educação seria útil para convencer os outros sem a preocupação com a verdade; para Platão importava que todo o percurso formativo fosse centrado na busca e na defesa racional da verdade em todos os âmbitos. **10**

4. O HOMEM VIRTUOSO COMO META DA *PAIDÉIA* PLATÔNICA

Não existe na nossa atual conjuntura, uma expressão ou conceito através do qual possamos caracterizar a *paidéia* no seu sentido original. No entanto, a palavra cultura é a que mais a ela se assemelha. O escritor Werner Jaeger, em seu clássico livro, *Paidéia: a formação do homem grego*, afirma:

Hoje estamos habituados a usar a palavra cultura não no sentido de um ideal próprio da herdeira da Grécia, mas antes numa acepção bem mais comum, que a estende a todos os povos da Terra, incluindo os primitivos [...]. Mas é necessário fazê-lo, pelo menos no problema fundamental da divisão da História, começando pela distinção primacial entre o mundo pré-helênico e o que se inicia com os Gregos,

o qual estabelece pela primeira vez de modo consciente um ideal de cultura como princípio formativo (JAEGER, 1986, p. 5-6).

A cultura, que hoje corresponde aos hábitos de uma coletividade, de um povo, nos seus primórdios, estava restrita aos cuidados da criança e incluía os aspectos ligados à sua formação. A educação ou cultura, na Grécia clássica, compreendia todo o desenvolvimento da criança até a sua velhice e era de responsabilidade da cidade-estado. Cultura, posteriormente, passou a designar não a formação total, mas alguns elementos da formação. Na origem o termo era mais abrangente:

[...] a educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem enfiar na alma o conhecimento que nela não existe, como poderia dotar de vista a olhos privados da visão (*A república*, 518c).

Mas o que de fato é educação para Platão? Eis a sua resposta:

Assim, prossegui, a educação será a de fazer essa conversão, de encontrar a maneira mais fácil e eficiente de consegui-la; não é a arte de conferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas por estar mal dirigida e olhar para o que não se deve, a educação promove aquela mudança de direção (*A república*, VII, 518d).

11

Fica claro que, para Platão, educar é conduzir o homem na direção correta, afim de que ele desenvolva em si certos estados físicos, intelectuais e morais. Todo esse procedimento visava um fim único e específico: alcançar e praticar a virtude. Entretanto, cada época, impõe aos seus indivíduos uma educação de acordo com o ideal de cidadão e de sociedade que ela deseja construir. Por isso, ao examinar a proposta pedagógica de Platão, aquela contida no livro VII d' *A república*, revela um determinado objetivo educativo:

A preocupação de Platão é com uma educação harmônica que garanta a felicidade tanto à polis quanto ao indivíduo. Tal educação está idealizada em seu grau máximo na figura do filósofo... Sua formação não consiste apenas numa formação técnica, mas integral, de modo que pôde desenvolver todas as suas capacidades (TEIXEIRA, 1999, p. 26).

É por isso, que a *paideia* platônica se mostra superior quando comparadas as outras, pois além da elevação de si e da cidade, sua proposta educativa não se restringia à formação técnica, mas visa a uma formação para a cidadania, para a política e para a *polis*. De acordo com Silvana Bollis, “Formar significa girar o olhar, ampliando-o para abarcar o bem da coletividade, o espírito do público deve ser colocado na frente dos interesses particulares” (BOLLIS, 2013, p. 271). Em outros termos, foi a conversão da alma que Platão procurou fazer através da educação.

5. A FORMAÇÃO DO REI-FILÓSOFO E SUA RESPONSABILIDADE COM A *POLIS*

A educação, em todas as suas dimensões, é um processo social por excelência⁵. Por isso, para atingir os fins desejados com relação à formação do filósofo, Platão, apresenta as disciplinas que deverão fazer parte do seu currículo e aquelas que deverão ser extintas. Além disso, podemos dizer que sua proposta é ousada, pois num contexto em que a educação era restrita a um certo número de pessoas, em especial as do sexo masculino, ele apresenta um projeto educativo amplo (quase universal) e gratuito, delegando ao Estado o dever de assegurar esse direito. Ele estende também esse privilégio às mulheres, em uma época que elas não participavam da vida ativa na cidade-estado.

No que respeito à formação do filósofo, há algo especial?

Evidentemente, não é a mesma coisa que virar uma valva de ostra; trata-se da conversão da alma, de um dia, por assim dizer, noturno, para a

⁵ Este é um termo, entre os que designam um daqueles conceitos genuinamente gregos, bastante difícil de recuperar para o leitor moderno nos seus matizes originais. A tradução mais comum é virtude. No entanto, a *areté* grega pouco tem a ver com a virtude da qual falam a doutrina cristã, as éticas medievais e grande parte das éticas modernas. A melhor definição do significado grego de *areté* é talvez a que se pode inferir dos diálogos platônicos, dos quais Aristóteles a recebe. Na República (1, 335 b ss.; 353 b ss.), Platão explica que cada coisa possui uma atividade específica própria, a saber, uma atividade que somente ela (ou então ela melhor do que todas as outras) pode exercer [...]. Ora, a virtude é aquilo pelo qual cada coisa desempenha da melhor maneira a atividade que lhe é peculiar (REALE, 2014, p. 29).

subida ao dia legítimo do ser. A isso é que damos o nome de verdadeira Filosofia (*A república, VII, 521 c*).

A conversão da alma é o um dos objetivos da *paidéia* platônica. Entretanto, para que a alma possa alcançar a filosofia, que é ciência por excelência, ela necessita de outros agentes que torne o educando preparado, para atingir os seus propósitos e os do estado. Assim, ele apresenta o seu programa formativo em duas frentes complementares: ginástica para o corpo e música para a alma. “A Ginástica se ocupa com o mundo transitório do devir, pois foi instruída com vistas ao crescimento e ao declínio do corpo” (*A república, Livro VII, 521 e*). Educar o homem por meio da ginástica visava desenvolver e aprimorar o corpo, tornando-o são e forte. Essa educação visava atingir uma grande parcela da população, preparando os jovens para o serviço militar e, dessa forma, desenvolver a coragem no guerreiro. A utilização da música na formação do filósofo, complementa a ginástica.

[...] a música era como que um complemento da Ginástica; educava os guardas pela influência do hábito: por meio da harmonia deixava-os, de algum modo, acordes, sem proporcionar-lhes nenhum conhecimento determinado; pelo ritmo eles conseguiam, regularidade e com os discursos, qualidades mais ou menos afins, quer que fossem fabulosos, quer contivessem algum elemento verdadeiro (*A república, VII, 522 a*).

13

A finalidade de tal recurso, além de complementar, oferece ao educando uma harmonização das partes da alma, tornando-a sábia e corajosa. É importante ressaltar, que ele exclui as demais artes de sua cidade utópica, por considera-las plebeias. A aritmética e a geometria eram consideradas propedêuticas à filosofia “[...] a Aritmética e a Geometria e os demais ramos do conhecimento que servem de propedêutica à Dialética, porém sem que o sistema pedagógico se ressinta do maior constrangimento” (*A República, 536 d*). Apesar da importância dessas disciplinas, o diálogo foi o método adotado pelo Sócrates platônico, para propagar suas ideias. Segundo ele:

[...] sem nenhuma ajuda dos sentidos externos e com o recurso exclusivo da razão, tenta chegar à essência das coisas, sem parar

enquanto não aprende com o pensamento puro o bem em si mesmo. Com isso, atinge o limite do cognoscível, com o outro, naquele caso, o do limite da razão (*A república*, VII, 532 a - b).

Utilizando a razão e a dialética, e excluindo os sentidos, o filósofo, vai alcançar a verdade.

[...] o método dialético é o único que rejeita as hipóteses para atingir o princípio e consolidar suas conclusões, e que puxa brandamente o olho, da alma do lamaçal bárbaro em que havia atolado, a fim de dirigi-lo para cima, empregando para essa conversão as mencionadas artes como auxiliares e cooperadoras (*A república*, VII, 533 d).

É evidente que somente a dialética conduz à verdade. Com isso, na idade de trinta anos, daria início o estudo da dialética. Entretanto, quais pessoas serão escolhidas para o estudo da dialética?

[...] só devem ser escolhidos indivíduos com essa natureza, a saber: serão de preferir os mais bravos e de maior confiança, e sempre que possível os mais belos[...] precisarão ter, lhe disse, meu bem-aventurado amigo, vivacidade de engenho e facilidade de aprender aquelas disciplinas [...]. Teremos também de escolher os de boa memória, resistentes à fadiga, e amigos do trabalho (*A república*, VII, 535 a - c).

14

Serão essas pessoas que serão iniciadas no estudo da dialética. Por ser uma arte nobre, os exercícios dialéticos eram restritos a poucos. Jaime Paviani, fazendo uma releitura de Platão, afirma que:

[...] a dialética eleva a alma ao conhecimento intuitivo das essências, a uma visão de conjunto dos princípios, isto é, além das hipóteses matemáticas. A dialética é a ciência do bem, somente ela põe os homens na fronteira do mundo inteligível. Ela não se apoia em nenhum objeto sensível e visível. Seu recurso é o pensamento (PAVAIANI, 2008, p. 96).

Ao fazer essa interpretação, Paviani, demonstra que Platão, elege a dialética como a ciência verdadeira, colocando as demais em segundo

plano. No decorrer do livro VII, Sócrates, afirma o que as pedagogias modernas tem insistido, ou seja, que processo de ensino-aprendizagem não ocorra por meio do autoritarismo, do castigo físico ou de uma disciplina severa, “[...] porque o homem livre, lhe disse, não deve aprender nada com escravo” (*A república, VII, 536 e*). Para ele, esse processo deveria ser “[...] à guisa de brincado; é como melhor poderás observar as aptidões de cada um” (*A república, VII, 537 a*).

Em seguida, a formação se direcionará para a prática dos exercícios físicos.

Ao terminarem o curso obrigatório de exercícios físicos, no ginásio, pois esse tempo, quer seja de dois anos, quer de três, não admite, outras ocupações: o cansaço e o sono são inimigos naturais do estudo, sem contarmos que o curso em si é a melhor pedra de toque para vermos como cada um se comporta na Ginástica (*A república, VII, 537 b*).

Nesse período, segundo Platão, o jovem deveria prestar serviço militar ao Estado, pois o cansaço e o sono, o impede de estudar. Passado esse **15** intervalo de tempos, servia feita uma seleção, em que:

[...] os rapazes selecionados da classe dos vinte anos serão distinguidos com maior honraria do que outros, e os conhecimentos que eles adquirirem, serão distinguidos com maior honrarias do que outros [...] E o mais indicado, acrescentei, para revelar as naturezas dialéticas: que for dotado dessa visão conjunta é dialético; os demais não são (*A república, VII, 537 c*).

Após um período de seis anos, os que chegaram nessa fase, os menos dotados servirão à pátria como guerreiro, enquanto os mais dotados, seguirão para o estudo da dialética.

[...] os que se distinguem dos demais e forem persistentes nos estudos, constante na guerra e nos exercícios estabelecidos por lei, ao completarem trinta anos, por seu turno, separá-los dos já selecionados, distingui-los com maiores honrarias e pô-los à prova por meio da Dialética, a fim de determinar quais são capazes de dispersar a vista e

os outros sentidos, e, na companhia da verdade, atingir o próprio ser (*A república*, VII, 537 d).

Dessa forma, em analogia com a *Alegoria da caverna*, ao término do processo educativo, o educando deve regressar à caverna. Certamente ele, assim como achou estranho a realidade fora dela, achará estranho, neste regresso, o seu interior. Nesse processo de esclarecimento e retorno à caverna, deveria servir por um período e quinze anos.

[...] uma vez chamados, terão de entregar-se às labutas políticas, com assumirem sucessivamente a direção dos negócios públicos, sem imaginarem com isso praticarem alguma ação excelente, mas apenas um dever inadiável; e depois de haverem educado sem intermitência tantos concidadãos de acordo com seus próprios modelos, e de deixá-los como guardas da cidade, passarão a habitara a Ilha dos Bem-aventurados (*A república*, VII, 540 b).

O governo da cidade deve ser destinado aquele que se preparou durante toda a sua existência para assumir essa função e, ao assumi-lo com responsabilidade, deve conduzir outras pessoas para o mesmo caminho, mas que não se sinta melhor, do que os demais habitantes da *polis*. A recompensa por ter cumprido a sua missão é ocupar-se pelo resto de sua vida dos prazeres que a filosofia proporciona. Platão recomenda que não sejam escolhidas pessoas com menos de cinquenta anos para assumir o governo da cidade, como esclarece Evilázio Teixeira:

O governo pensado por Platão e idealizado na pessoa do guardião-filósofo é um asceta neste mundo. Após ter recebido uma correta educação, que lhe possibilitou tornar-se sempre melhor e perfeito, sabe que sua sabedoria não deve ser usada para benefício pessoal, mas sim, colocada a serviço da comunidade. Governar é servir. Nessa perspectiva, o exercício do poder só tem sentido se é um serviço aos demais (TEIXIRA, 1999, p. 123).

Diferente do que aconteceu no seu tempo, e posteriormente, em que a o exercício da política, foi utilizada e continua, em algumas realidades sendo utilizada para o bem individual ou de grupos, que de maneira

autoritária, acontece a corrupção do Estado. Consequentemente para os seus indivíduos, a cidade deixa de ser um lugar agradável para se viver. Por isso, para assumir o seu governo, deve ser alguém preparado para essa função, pois como vimos no decorrer deste artigo, nem todas as pessoas têm capacidade para isso.

6. CONCLUSÃO

Em uma sociedade marcada por diversas ambivalências e contradições, somos muitas vezes alvos do desrespeito, da violência, e sobretudo de uma escassez na formação dos nossos indivíduos. Mas como resolver esse problema? Uma resposta para esse quebra-cabeça pelos quais passamos atualmente, encontraremos na releitura da *paidéia* grega, origem da nossa civilização, que apontou a formação integral do homem, como meio para resolver os desafios que a vida em comunidade nos impõe.

Com certeza, um cidadão formado integralmente, como queria Platão, que saiba não somente viver, mas conviver em uma sociedade sempre mais globalizada, em que o contato com o outro torna-se inevitável. Essa exigência implica saber respeitar e dialogar com quem pensa e age diferente. Esse será considerado o grande sábio, pois terá em suas mãos a chave para a vida social, feliz e harmoniosa, para si e para os que com ele convive. Se esse homem não existe é esse perfil de homem que, com certeza, a educação deve almejar.

Nesse artigo, tivemos como pretensão regressar às nossas origens e fazer uma síntese da grande contribuição de Platão para a formação do homem, sobretudo, direcionada para a formação do filósofo, que na sua concepção, era quem deveria governar a cidade. Seu ensino, não restringia somente ao ensino de técnicas, mas suscitava no educando o desejo de uma existência virtuosa, em querer aspirar sempre o bem.

REFERÊNCIAS

BOLLIS, Silvana. A educação como *paidéia*, uma interrogação sobre o sentido da formação humana. **Reflexão e ação**, v. 21, n. esp., jul./dez., 2013, p. 261-274,

GILES, Thomas Ransom. **História da educação**. São Paulo: E.P.U., 1987.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PLATÃO. **A república**. 3 ed. Belém: Edufpa, 2006.

PAVIANI, Jayme. **Platão e o a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REALE, Giovanni. **Léxico da filosofia grega e romana**. São Paulo: Loyola, 2014. [História da filosofia grega e romana, vol. IX].

RODRIGO, Lidia Maria. **Platão e o debate educativo na Grécia clássica**. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

18

João Batista Silva Oliveira

<http://lattes.cnpq.br/6707561626625063>